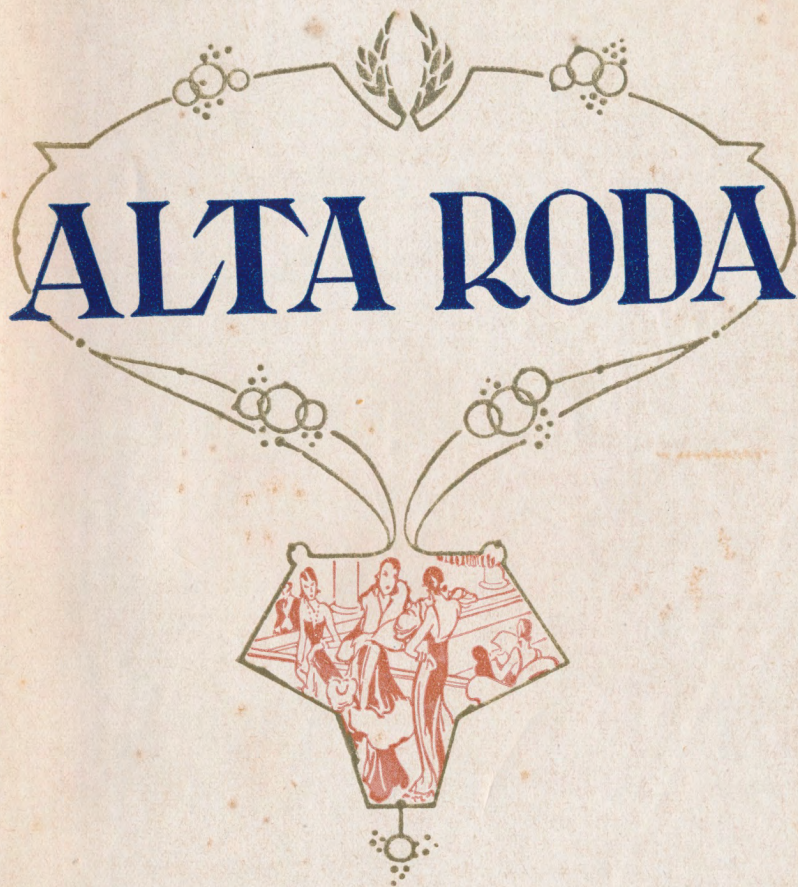


JULIO DANTAS



SOCIEDADE EDITORA
PORTUGAL-BRASIL

PORTUGAL-BRASIL

SOCIEDADE EDITORA

Rua da Condessa, 80—LISBOA

AFFONSO LOPES VIEIRA

<i>O Romance de Amadis</i> (2. ^a ed.)	15\$00
<i>País Lilás, desterro azul</i>	7\$00
<i>Diana</i>	10\$00
<i>Bartholomeu Marinho</i>	10\$00
<i>O Poema do Cid</i>	10\$00
<i>Santo Antonio</i>	10\$00
<i>Versos</i>	15\$00

ANTONIO FERRO

<i>Novo Mundo-Mundo Novo</i> ...	10\$00
<i>Hollywood, Capital das Imagens</i>	10\$00

CARLOS MALHEIRO DIAS

<i>A esperança e a morte</i>	8\$00
<i>A Verdade Nua</i> (2. ^a ed.).....	9\$00
<i>Carta aos Estudantes</i>	2\$00
<i>Exortação à Mocidade</i>	8\$00
<i>O «Piedoso» e o «Desejado»</i>	8\$00
<i>Paixão de Maria do Céu</i>	10\$00

EDUARDO SCHWALBACH

<i>A História da Carochinha</i> ...	4\$00
-------------------------------------	-------

H. LOPES DE MENDONÇA

<i>Sangue Português</i> (3. ^a ed.)...	8\$00
<i>Gente Namorada</i> (2. ^a ed.)....	8\$00
<i>Lanças n'África</i> (2. ^a ed.)....	8\$00
<i>Capa e espada</i> (2. ^a ed.).....	8\$00
<i>Fumos da Índia</i> (2. ^a ed.).....	8\$00
<i>Santos de casa</i> (2. ^a ed.).....	8\$00
<i>Almas penadas</i>	8\$00
<i>Argueiros e cavaleiros</i>	8\$00
<i>O Crime de Arronches</i>	4\$00
<i>Vasco da Gama na História Universal</i>	2\$00
<i>Epopéia de hoje</i>	2\$00
<i>Lux perpetua</i>	3\$00
<i>Orphãos de Calcut</i>	15\$00
<i>Trovas de Portugal</i>	1\$00
<i>A Morta</i> (2. ^a ed.) (teatro)....	8\$00

JOÃO DE DEUS

<i>Campo de Flores</i> , 2 vols.....	25\$00
<i>Livro de Amor</i>	12\$00

JOÃO DO RIO

<i>A Mulher e os Espelhos</i>	8\$00
<i>Rosario da Ilusão</i>	8\$00
<i>Correspondência de uma estação de cura</i> (2. ^a ed.).....	7\$00
<i>Eva</i> , 3 actos.....	7\$00
<i>Bella (A) M.me Vargas</i> , 3 actos	7\$00
<i>Que pena ser só ladrão</i>	7\$00
<i>Na conferência da paz</i> , 2 vols. Enc.....	20\$00

L. A. REBELO DA SILVA

<i>Contos e Lendas</i>	6\$00
<i>A Mocidade de D. João V</i> (2 vs.)	15\$00

JULIO DANTAS

<i>Cartas de Londres</i> (2. ^a ed.) ..	10\$00
<i>Como elas amam</i> (3. ^a ed.)....	8\$00
<i>Espadas e rosas</i> (5. ^a ed.).....	8\$00
<i>Mulheres</i> (6. ^a ed.).....	9\$00
<i>Sonetos</i> (5. ^a ed.).....	4\$00
<i>Abelhas doiradas</i> (2. ^a ed.) ..	8\$00
<i>Ao ouvido de M.me X</i> (5. ^a ed.)	9\$00
<i>Os galos de Apollo</i> (2. ^a ed.)..	8\$00
<i>Êtes e Elas</i> (4. ^a ed.).....	8\$00
<i>Arte de Amar</i> (2. ^a ed.).....	8\$00
<i>Heroísmo, elegancia, o amor</i> ..	6\$00
<i>Outros tempos</i> (3. ^a ed.).....	8\$00
<i>Figs. de ontem e de hoje</i> (3. ^a ed.)	8\$00
<i>Patria Portuguesa</i> (4. ^a ed.) ..	10\$00
<i>O amor em Portugal no século XVIII</i> (3. ^a ed.).....	12\$00
<i>Diálogos</i> (2. ^a ed.).....	8\$00
<i>Unidade (A) da Língua Portuguesa</i>	1\$50
<i>Eva</i> (5. ^o milhar).....	10\$00
<i>Contos</i> ..	8\$00
<i>Eterno Feminino</i>	12\$00
<i>Alta Roda</i>	10\$00

TEATRO:

<i>A Severa</i>	8\$00
<i>D. João Tenorio</i> , 6 actos.....	8\$00
<i>Rosas de todo o anno</i>	2\$00
<i>1023</i> , episodio em verso.....	2\$00
<i>Auto de El-Rei Seleuco</i>	3\$00
<i>Um serão nas Laranjeiras</i> ...	8\$00
<i>A Castro</i>	3\$00
<i>Sóror Mariana</i>	3\$00
<i>D. Beltrão de Figueirôa</i>	3\$00
<i>Primeiro beijo</i>	2\$00
<i>Mater Dolorosa</i>	3\$00
<i>D. Ramon de Capichuela</i>	2\$00
<i>Paço de Veiros</i>	4\$00
<i>Carlota Joaquina</i>	3\$00
<i>Rei Lear</i>	9\$00
<i>Santa Inquisição</i>	6\$00
<i>Ceia dos Cardeaes</i>	1\$50

PEDRO IVO

<i>Sello (O) da Roda</i>	6\$00
<i>Contos</i>	6\$00
<i>Serões de inverno</i>	6\$00

SAMUEL MAIA

<i>Sexo forte</i> (2. ^a ed.).....	8\$00
<i>Entre a vida e a morte</i>	7\$00
<i>Lingua de Prata</i>	8\$00
<i>Luz Perpétua</i>	7\$00
<i>Mudança d'ares</i>	10\$00
<i>Por terras estranhas</i>	4\$00
<i>Meu (O) menino</i> (2. ^a ed.)....	10\$00
<i>Braz Cadunha</i> , 3 actos.....	6\$00



Às vossas eminências corporaes e
aunipos

Dr. Vasco A. Mendonça Alves,

ALTA RODA

Com a maior admiração, e
vossos talentos, e a maior
afecção vossa a vosso filho.

Mesodouro.

OBRAS DE JÚLIO DANTAS

POESIA

Nada (1896) — 3.^a edição.
Sonetos (1916) — 5.^a edição.

PROSA

Outros tempos (1909) — 3.^a edição.
Figuras de ontem e de hoje (1914) — 3.^a edição.
Pátria Portuguesa (1914) — 4.^a edição.
Ao ouvido de M. me X. (1915) — 5.^a edição.
O amor em Portugal no século XVIII (1915) — 3.^a edição.
Mulheres (1916) — 6.^a edição.
Êles e Elas (1918) — 4.^a edição.
Espadas e Rosas (1919) — 5.^a edição.
Como elas amam (1920) — 4.^a edição.
Abelhas doiradas (1920) — 3.^a edição.
Os galos de Apolo (1921) — 2.^a edição.
Arte de amar (1922) — 2.^a edição.
O heroísmo, a elegância, o amor (1923).
Eva (1925).
Cartas de Londres (1927) — 2.^a edição.
Diálogos (1928) — 2.^a edição.
Eterno Feminino (1929).
Contos (1930) — 2.^a edição.
Alta Roda (1932).

TEATRO

O que morreu de amor (1899) — 5.^a edição.
Viriato Trágico (1900) — 3.^a edição.
A Severa (1901) — 5.^a edição.
Crucificados (1902) — 3.^a edição.
A Ceia dos Cardeais (1902) — 27.^a edição.
D. Beltrão de Figueiroa (1902) — 5.^a edição.
Paço de Veiros (1903) — 3.^a edição.
Um serão nas Laranjeiras (1904) — 4.^a edição.
Rei Lear (1906) — 2.^a edição.
Rosas de todo o ano (1907) — 10.^a edição.
Mater Dolorosa (1908) — 6.^a edição.
Auto de El-Rei Seleuco (1908) — 2.^a edição.
Santa Inquisição (1910) — 3.^a edição.
O Primeiro Beijo (1911) — 5.^a edição.
D. Ramon de Copichuela (1912) — 3.^a edição.
O Reposteiro Verde (1912) — 3.^a edição.
1023 (1914) — 3.^a edição.
Sóror Mariana (1915) — 4.^a edição.
Carlota Joaquina (1919) — 3.^a edição.
D. João Tenório (1920) — 2.^a edição.
A Castro (1920) — 2.^a edição.

A data indicada para cada obra é a da sua primeira edição.

4-105-32
2498

JÚLIO DANTAS

Sócio de mérito da Academia das Ciências de Lisboa
Da Academia Brasileira de Letras

ALTÀ RODÀ



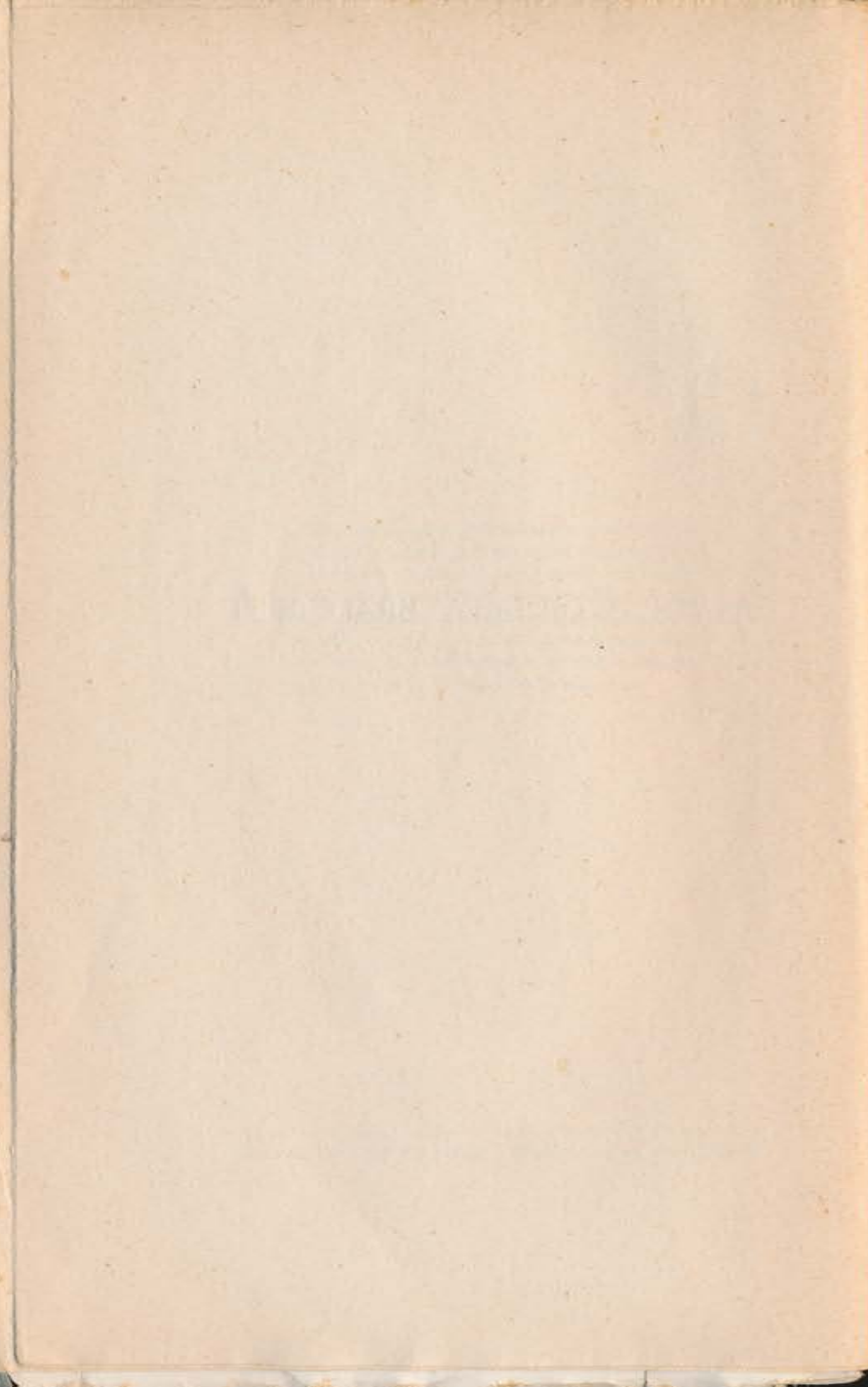
PER ORSON PULLEN



LISBOA
PORTUGAL-BRASIL
SOCIEDADE EDITORA
ARTHUR BRANDÃO & C.^a
RUA DA CONDESSA, 80

Reservados todos os direitos de reprodução: em Portugal, conforme preceituam as disposições do decreto n.º 13:725; no estrangeiro (países da União) em harmonia com a Convenção de Berne, a que Portugal aderiu por decreto de 18 de março de 1911, e a que o Brasil aderiu também pela lei n.º 4:541, de 6 de Fevereiro de 1922, e decreto n.º 15:530 de 21 de Junho do mesmo ano.

AS IDEAS DE LADY BRADFELD



AS IDEAS DE LADY BRADFIELD

No hall do Carlton, em Londres. Às 8 horas da noite. Três inglesas elegantes, entre os trinta e os quarenta anos — LADY BRADFIELD, MRS. MOODY e MRS. GIBSON — braços nus, ombros nus, jóias, vão sentar-se a uma das mesas, conversando. LADY BRADFIELD é alta, loira, ornamental, aristocrática, desdenhosa; MRS. MOODY, loira também, olhos azuis, lânguida, tem a candura de certos retratos de Romney; MRS. GIBSON, olhos e cabelos pretos, pele doirada, corpo nervoso, movimentos rápidos, parece mais uma italiana do que uma inglesa. — Os criados passam, solenes, sobre o grande tapete silencioso.

MRS. MOODY — Os nossos maridos eram mais amáveis se não nos fizessem esperar tanto.

LADY BRADFIELD — Ainda não é a nossa hora de jantar.

MRS. GIBSON — Quem lhes tira o clube, tira-lhes tudo.

MRS. MOODY — Passamos a vida à espera dêles.

LADY BRADFIELD — Eu acho agradável esperar pelo meu marido.

MRS. GIBSON — Esperar, seja por quem fôr, é sempre desagradável.

LADY BRADFIELD, *a um criado, que se aproxima.* — Vermouth-cocktail.

MRS. MOODY, *também ao criado.* — Martini. — Toma um cocktail, mrs. Gibson?

MRS. GIBSON — Tomo sempre. Estou proibida pelos médicos. *(Ao criado)* Champagne-cocktail.

LADY BRADFIELD — Se está proibida pelos médicos, porque toma?

MRS. GIBSON — O maior prazer da vida é desobedecer. Gosto imenso de tudo o que é proibido.

MRS. MOODY — Todas nós. *(Acendendo um cigarro)* E os nossos maridos também.

MRS. GIBSON — Os nossos maridos são horríveis. Não acha, lady Bradfield?

LADY BRADFIELD — Talvez. Mas que se há-de fazer, se não temos outros?

MRS. MOODY — Há uma verdadeira crise

de maridos. Sobretudo em Londres. São poucos e maus.

MRS. GIBSON — Eu perdoo-lhes todos os defeitos. Só não lhes perdoo a infidelidade.

LADY BRADFIELD — É precisamente o defeito que eles apreciam mais. (*Abrindo uma cigarreira de ouro*) Não fuma, mrs. Gibson?

MRS. GIBSON — Não. Os médicos deixam-me fumar. Não me apetece.

MRS. MOODY — O homem é um animal essencialmente infiel. É o que o distingue do cão.

MRS. GIBSON — Não têm conta as vezes que o meu marido me tem enganado. Engana-me com um ar de inocência perfeitamente revoltante. É um monstro. E é pena, porque é um bonito rapaz.

MRS. MOODY — Os feios são os peores. O meu é feio, e engana-me todas as semanas com uma pontualidade inglesa.

LADY BRADFIELD — É um *gentleman*. Podia enganá-la todos os dias, mrs. Moody.

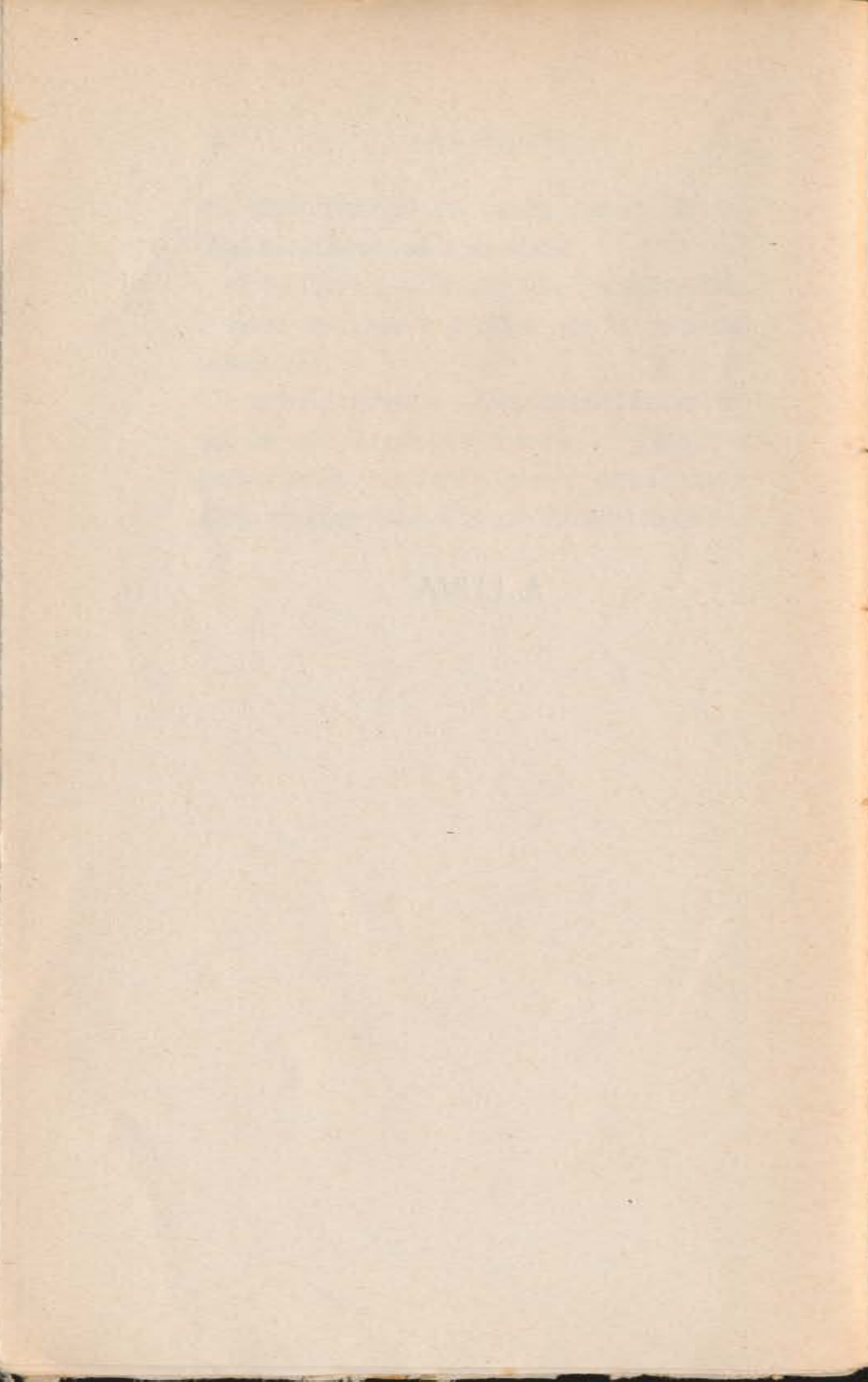
MRS. MOODY — Aos sábados, diz-me que vai passar o *week-end* a Eastbourne com um

não desmoralizará os nossos maridos dando-lhes a conhecer as suas ideas.

MRS. GIBSON — Senão, êles passam a vida a fazer loucuras e a dizer que as culpadas somos nós...

LADY BRADFIELD — Descansem. Estas coisas não se dizem aos homens... (*Dando a mão a beijar aos três ingleses, que se aproximam*) Boa noite. Porque vieram tão tarde?

A LUVA



A LUVA

O gabinete do director dum Banco. — Paredes forradas de séda verde. — Armários holandeses. — Maples. — Sobre uma mesa, uma faiança de Delft, com rosas. — O BANQUEIRO, cinquenta anos, esbelto, grisalho, tipo de homme-à-femmes, maneiras distintas, elegância sóbria. — Um groom anuncia, e entra MARIA DE LOURDES, nora do BANQUEIRO, vinte e cinco anos, olhos negros, expressão inquieta, corpo flexível de cow-girl. — Onze horas da manhã.

O BANQUEIRO, *levantando-se*. — Bravo!
Tão cedo, já na rua?

LOURDES — Quero falar-lhe, papá.

O BANQUEIRO — Tem graça. Foi o Jorge que me anunciou a sua visita, e afinal és tu que me apareces.

LOURDES — Êle disse que vinha cá?

O BANQUEIRO — Telefonou-me há, talvez, dez minutos. Estranhei-lhe a voz. Pareceu-me perturbado. — Vocês zangaram-se?

Eu vou lá jantar hoje. — E nem uma palavra a teu marido, ouviste?

LOURDES, *beijando-lhe as mãos*. — Papá, como eu lhe agradeço!

(*Pouco depois de LOURDES sair, entra JORGE. Vinte e sete anos. Vestido de preto. Tipo vulgar, expressão vulgar, palidez doentia*)

JORGE — Bom dia, meu pai.

O BANQUEIRO, *num sorriso tranquilo*. — Já sei o que tu cá vens fazer.

JORGE — Já sabe?

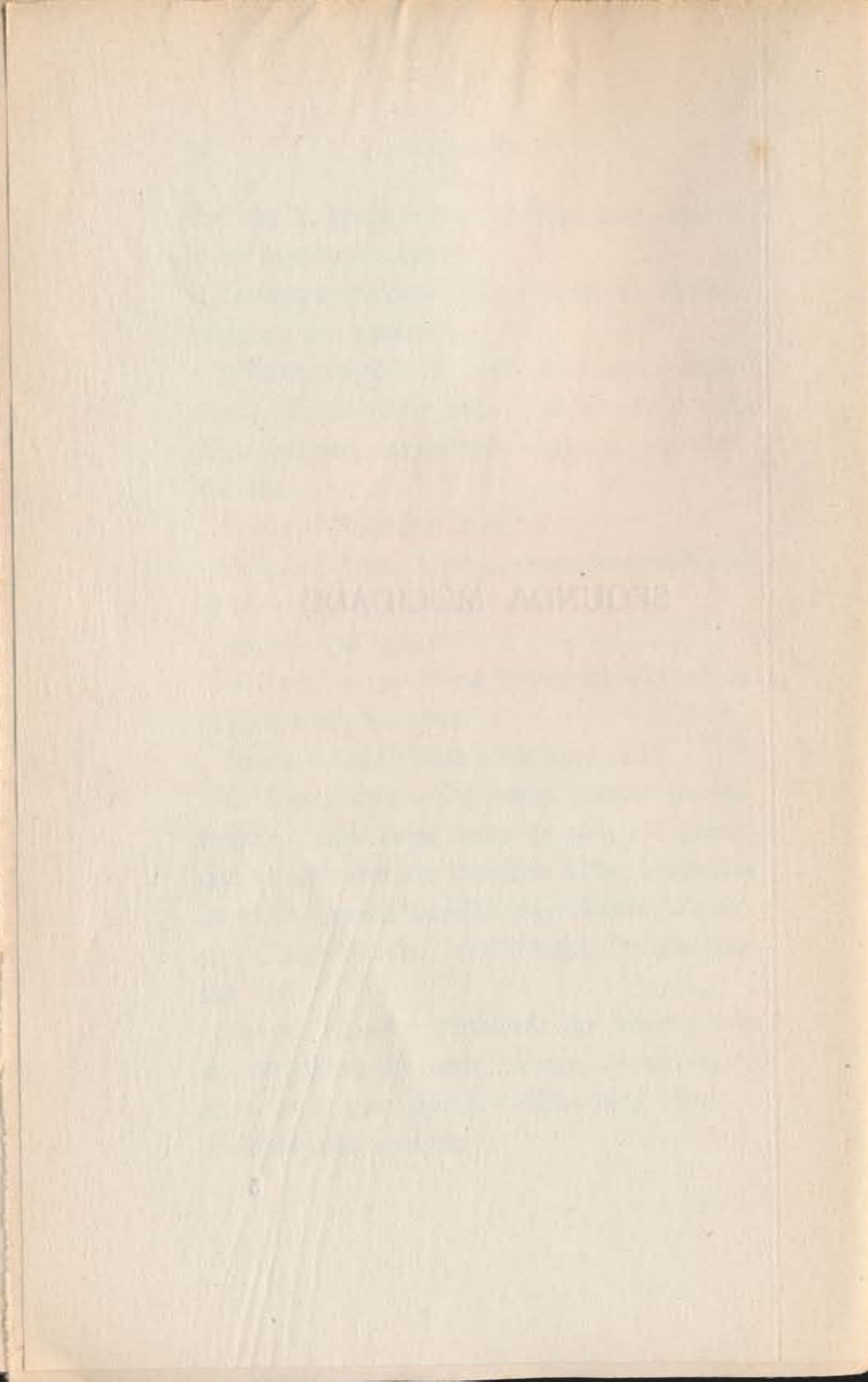
O BANQUEIRO — Vens trazer-me a luva que eu deixei em tua casa.

JORGE — Quê? Pois a luva era sua?

O BANQUEIRO — De quem querias tu que fosse? Umas belas luvas de pele de gamo, que eu comprei em Londres. Olha, ali está a outra... (JORGE *cai-lhe nos braços, a soluçar*) Jorge! Então, que é isso? Porque choras tu?

JORGE, *rindo e chorando ao mesmo tempo, enquanto se ouve, na rua, a buzina do automóvel que parte*. — Não faça caso... É de alegria, meu pai!

SEGUNDA MOCIDADE



SEGUNDA MOCIDADE

Sitting-room elegante. Espelhos. Entram M.^{me} NINA e o MARIDO. Ela, escultural, cinquenta anos magníficos, ainda bela, envolta numa capa de brocado de oiro e peles, um grande ramo de rosas na mão; elle, cinquenta e cinco anos, alto, moreno, magro, distinto, expressão severa, casaca irrepreensível onde refulge a placa da Legião-de-Honra.
— Três horas da madrugada.

O MARIDO, *beijando, friamente, a mão de*
M.^{me} NINA — Boa noite.

M.^{me} NINA — Vais já para o teu quarto?

O MARIDO — Vou.

M.^{me} NINA — Ajuda-me, ao menos, a tirar a capa.

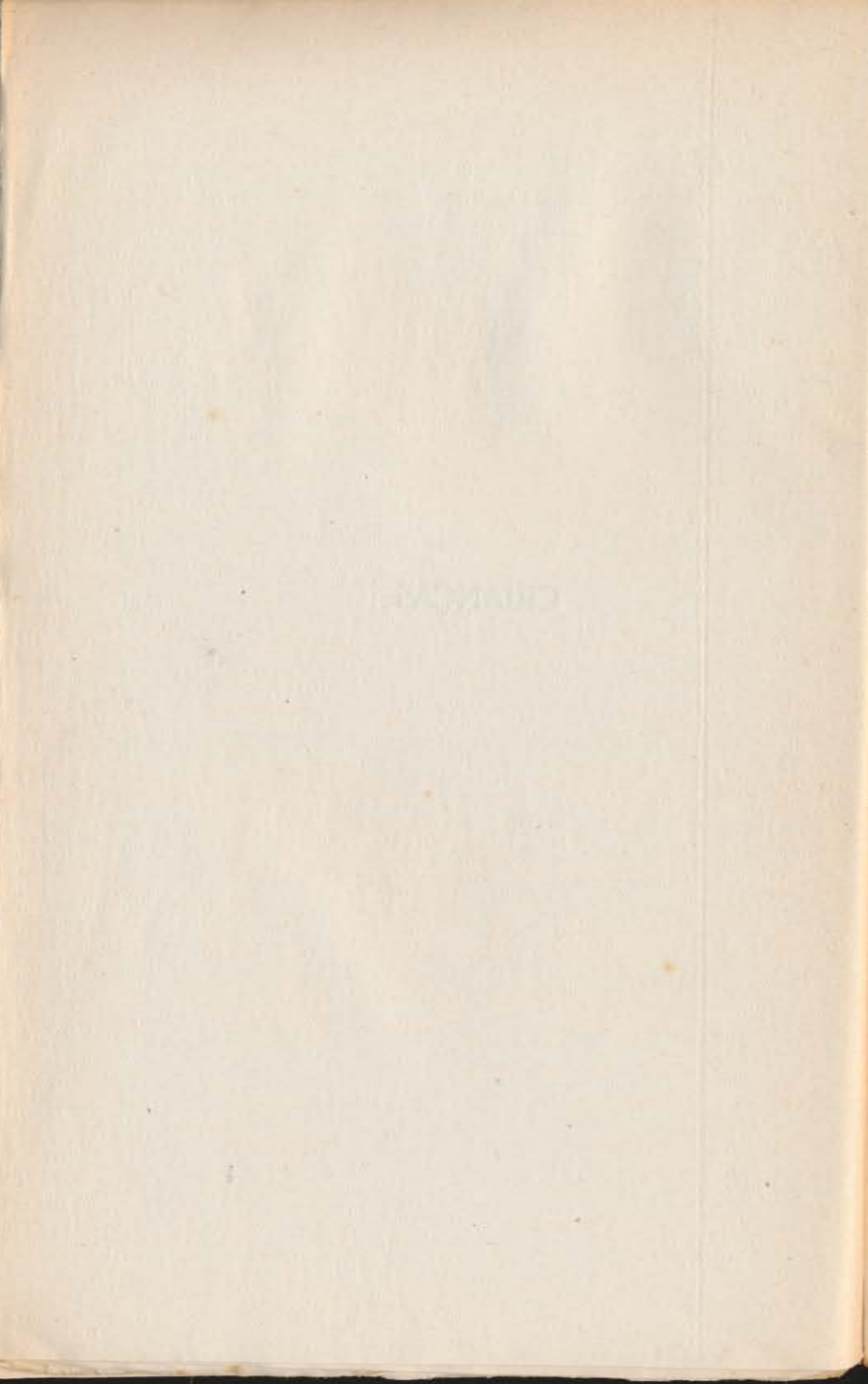
O MARIDO, *depois de lhe tirar a capa de sôbre os ombros esplêndidamente nus.* —
Queres que leve as flores?

M.^{me} NINA — Não ficas um instante?

O MARIDO — Não.

M.^{me} NINA — Só o tempo de eu me despir.

CRIANÇAS



CRIANÇAS

Sala Império. Pelas vidraças, adivinha-se a névoa de um jardim. — PEDRO, oito onos, forte, moreno, reflexivo, triste, com o aspecto precoce dos petizes que nós vemos nas estampas de Poulbot, vem visitar a mãe, divorciada e já casada com outro. Recebe-o NINETTE, filha do marido da mãe de PEDRO, oito anos também, loira, frágil, viva, bonita, olhos de porcelana, boca expressiva de mulher, pernas nuas, braços nus, e um laço enorme nos cabelos encarcados, que lhe dá o ar de uma grande borboleta côr de rosa. — Tarde de outono.

PEDRO — A mamã esqueceu-se de mim.

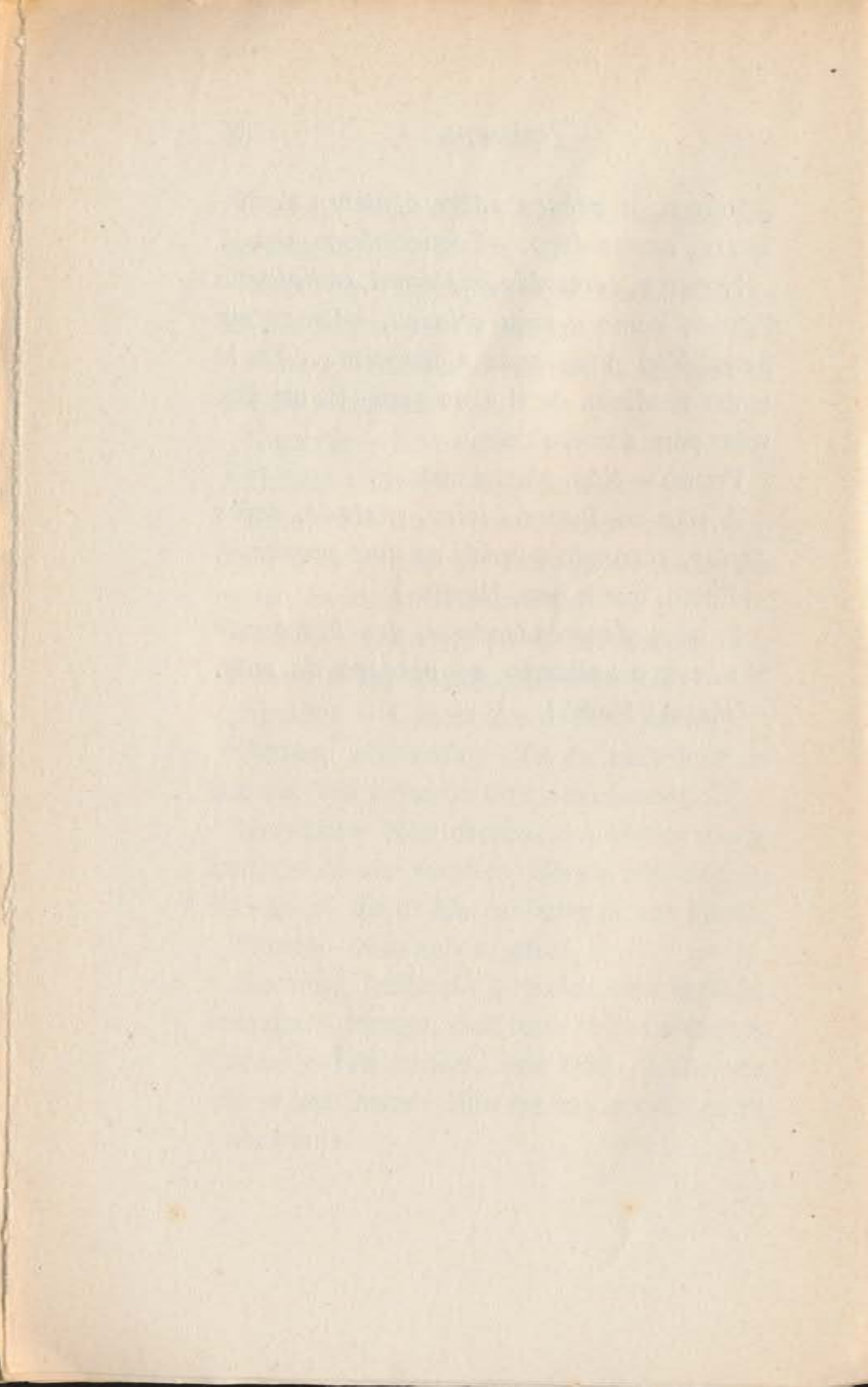
NINETTE — Não esqueceu.

PEDRO — Então, porque saiu ela? Erá o dia de eu vir. É o primeiro domingo do mês.

NINETTE — Tu vieste hoje mais cedo.

PEDRO — Sabes onde ela foi?

NINETTE — Não me disse nada. Não é minha amiga. — Mas eu sei o que ela foi fazer



SUAS MAJESTADES

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

SUAS MAJESTADES

Uma sala do Claridge's, em Londres, onde jantam, sôzinhos, dois reis exilados. Paredes pintadas a fresco, reproduzindo paisagens cambodgianas; mobiliário opulento, Jorge III. Um mordomo, de casaca vermelha, e dois criados servem os monarcas. Não se sabe bem de que países êles foram reis; talvez de dois vagos países baltânicos. Um dos monarcas é loiro, gordo, suave, nostálgico; o outro é magro, moreno, irrequieto, falador. Vestem casaca. As fisionomias de ambos, várias vezes reproduzidas pelos pintores internacionais, reflectem-se na enorme geleira de prata, cheia de garrafas de Champagne, que brilha no centro da mesa semeada de rosas.

O MORDOMO, *aproximando-se, respeitoso.*
— Vossas Majestades não desejam mais nada?

O MONARCA TRIGUEIRO, *ao mordomo.*— Deixem-nos sós. *(Ao monarca loiro, quando o mordomo e os criados saem)* Pois eu, meu caro primo, tive a fortuna de ser destronado dois anos antes de Vossa Majestade.

Majestade o placar eléctrico. Foi restaurada a monarquia no seu país!

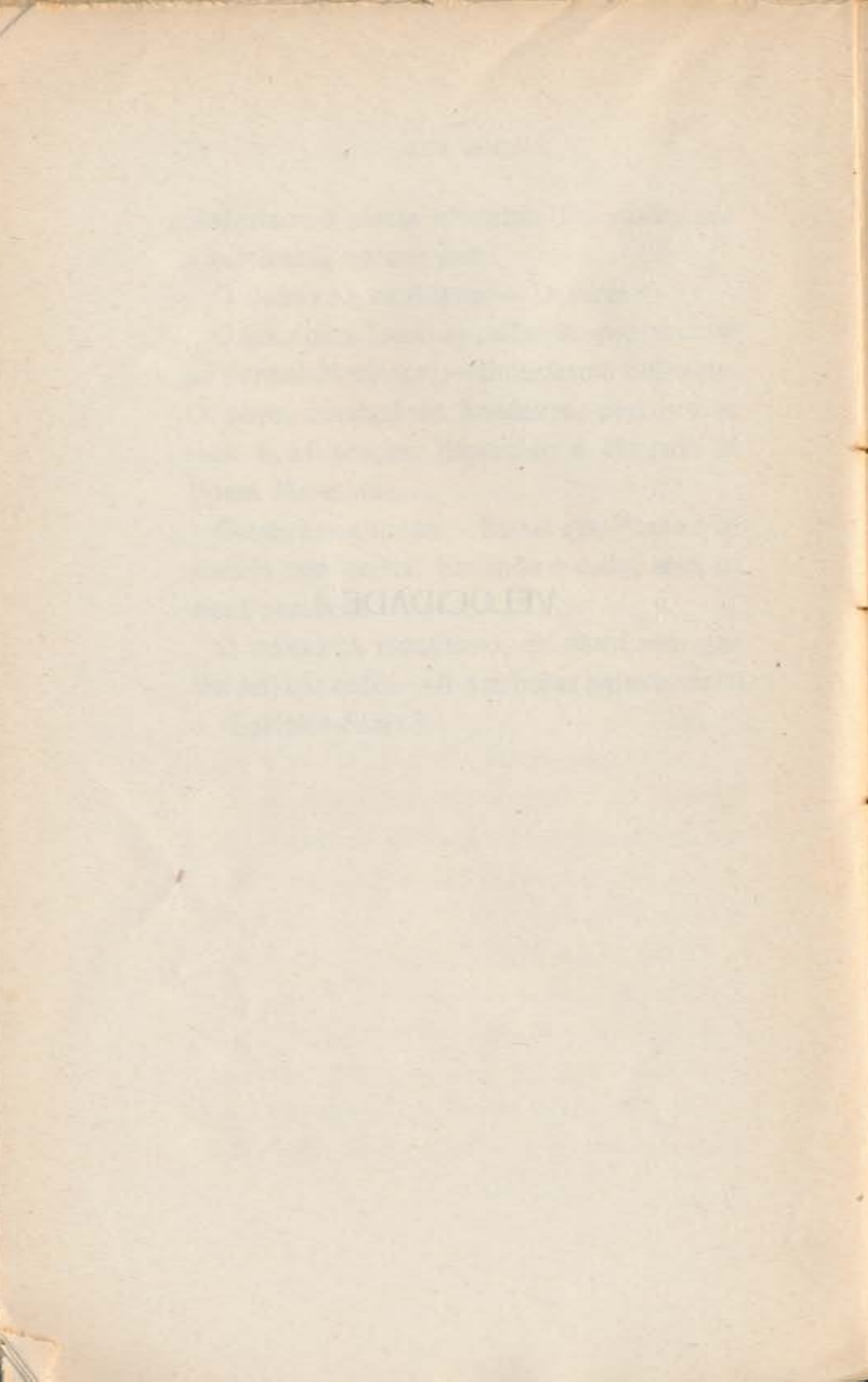
O MONARCA TRIGUEIRO — Deveras?

O MORDOMO, *lendo as palavras que passam no jornal luminoso*. — Entusiasmo delirante. O povo, conduzindo bandeiras, percorre as ruas e as praças. Espera-se a chegada de Vossa Majestade...

O MONARCA LOIRO — Eu sei que Vossa Majestade não aceita. Em todo o caso, sire, os meus parabens.

O MONARCA TRIGUEIRO, *ao mordomo, que lhe beija a mão*. — A que horas parte amanhã o «Salónica-Star»?

VELOCIDADE



VELOCIDADE

Um automóvel em marcha, numa estrada. É uma conduíte de grande turismo, refulgente de metais. Ao volante, FRED, rapaz de trinta anos, trigueiro, forte, trench-coat côr de areia, chapéu italiano derrubado sôbre os olhos. Junto dêle, com uma boina basca azul e um leather que lhe dissimula as formas, ZITA, vinte e cinco anos, loira, olhos pintados, tipo enérgico, beleza moderníssima. — Tarde de sol.

FRED — As estradas, aqui, já estão boas. Queres vir para o volante?

ZITA — Não. Agora não guio.

FRED — É pena. Tinha muito prazer em ser conduzido por ti.

ZITA — Na vida?

FRED — Não. No automóvel.

ZITA — E não me achas capaz de te conduzir na vida?

FRED — É diferente. *(Depois de um silêncio)* Teu pai foi amável, sabes?

FRED — Muito obrigado. Mas não é assim que tu me convences.

ZITA — Se eu passar o meu braço em volta do teu pescoço, convenço-te de tudo quanto quiser.

FRED, *sentindo-se envolvido pelo braço da noiva.* — É melhor voltarmos para trás.

ZITA — Tens medo de que eu abuse de ti?

FRED — Tenho medo de abusar da confiança de teu pai.

ZITA — Meu pai emprestou-nos o automóvel para andar. Quero andar muito. A tôda a velocidade...

FRED — Então, está bem. Dá-me o teu cigarro.

ZITA, *tirando o cigarro da boca e pondo-o nos lábios de FRED.* — Mais depressa...

FRED — Descansa a tua cabeça no meu ombro...

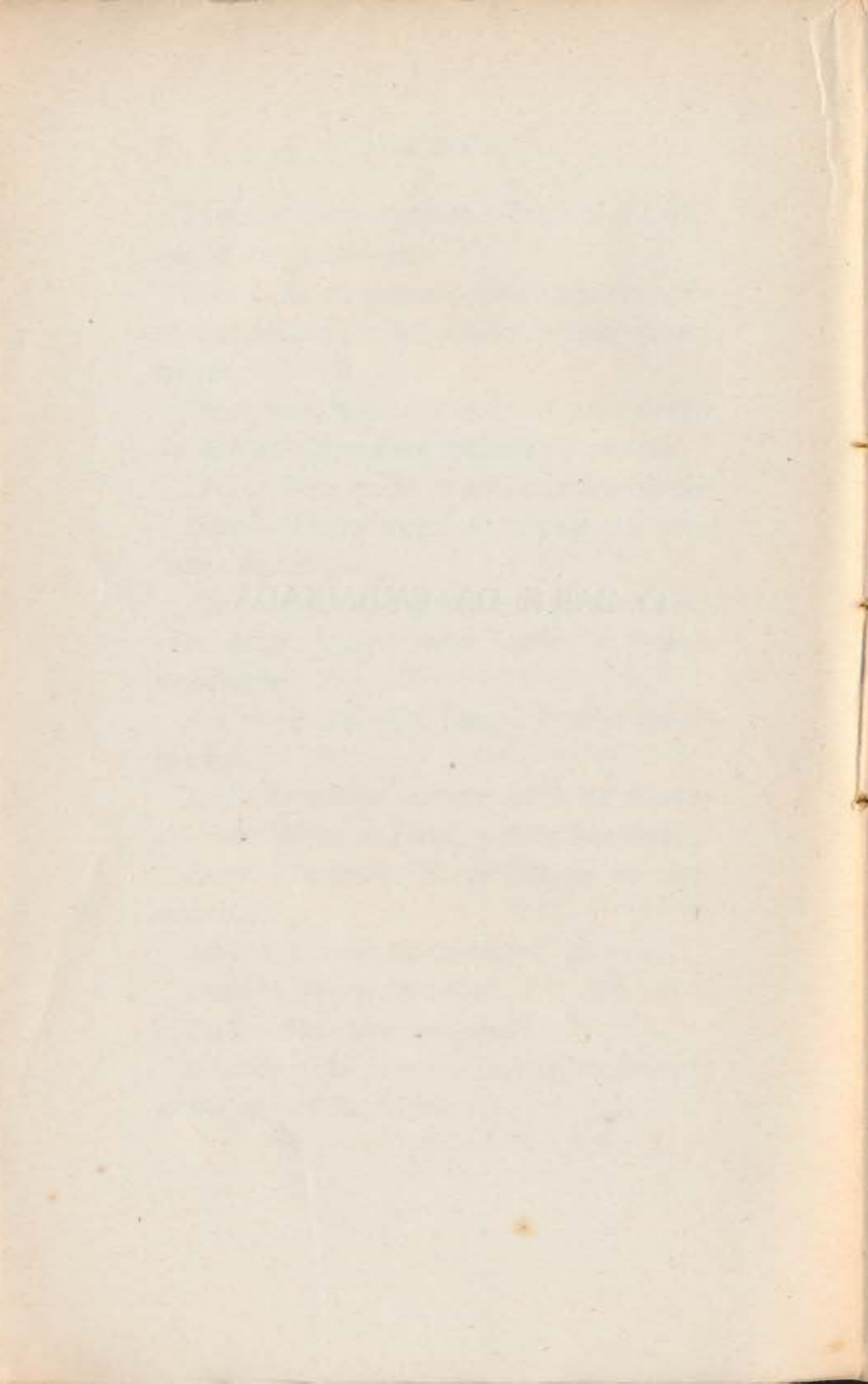
ZITA — Ainda mais depressa...

FRED — Dá-me um beijo...

ZITA — Mais depressa ainda...

(O automóvel perde-se, vertiginosamente, numa névem de poeira...)

O BAILE DA EMBAIXADA



O BAILE DA EMBAIXADA

O quarto-de-vestir de MADAME CLARY GRECIANO. Luiz XVI moderno, Jémont. As luzes multiplicam-se nos espelhos. Sôbre uma credência, um vaso de prata com rosas. MADAME GRECIANO acaba de vestir-se para o baile da Embaixada. É uma mulher de trinta anos, alta, monumental, cabelos negros dum brilho metálico, olhos negros e enormes, perfil judaico, mãos compridas, braços admiráveis, mais perturbadora do que atraente, mais grândiosa do que bela. A CHAMBERMAID, idosa e grave, ajuda-a. Quâsi dez horas da noite. — Em qualquer país da Europa em que o divórcio exista.

MADAME GRECIANO — O cabelo está bem, atrás?

A CHAMBERMAID — Sim, madame.

MADAME GRECIANO — Dê-me as pérolas. — Olhe, espere. Parece que se rompeu uma malha da meia.

A CHAMBERMAID — Não, madame. — Trago a capa de brocado ou a de peles?

O DIREITO DOS FILHOS

LIBRARY OF THE

O DIREITO DOS FILHOS

O escritório de um advogado. Decoração severa. Tapetes. Armários de talha, enormes. O Doutor X, homem de quarenta anos, alto, loiro, rosado, elegante, lê um cartão que lhe traz o groom. Pela janela aberta, vê-se, doirada de sol, a arcada pombalina do Terreiro do Paço.

O DOUTOR X — Quem trouxe êste cartão?

O GROOM — Uma menina. Diz que é a afilhada do senhor doutor.

DOUTOR X — Vem sòzinha?

O GROOM — Sòzinha.

DOUTOR X — Manda entrar.

MARION, rapariga de quinze anos, magra, nervosa, graciosa, expressão de precocidade inquietante, olhos negros profundos, entra e cai nos braços do Doutor X, a chorar.

DOUTOR X — Que é isso, minha filha?

MARION — Padrinho!

DOUTOR X — Isso é melhor ficar para tua mãe. (MARION *passa o bâton pelos lábios*) Pronto. A boca já está pintada. O seu braço, mademoiselle...

MARION, *dando-lhe o braço*. — Ah, padrinho, padrinho! O que os filhos sofrem por causa dos pais!

AS ROSAS DE SŒUR JEANNE

THE HISTORY OF THE

THE HISTORY OF THE

THE HISTORY OF THE

THE HISTORY OF THE

THE HISTORY OF THE

THE HISTORY OF THE

THE HISTORY OF THE

THE HISTORY OF THE

AS ROSAS DE SÆUR JEANNE

O gabinete «gris Trianon» onde MADGE recebe. Na parede, sôbre o fogão, um tapete de Arraiolos, branco e azul. Numa mesa, entre livros e flores, um Buddha de bronze sorri. MADGE, trinta anos que parecem vinte e cinco, loira, suave, fina, corpo de criança, sorriso de criança, toilette de criança, levanta-se quando entra LOLOTTE, trinta anos que parecem quarenta, belos olhos negros, perfil duro de camafeu italiano, vestida como a Claudina do romance de Charlotte Willy. Caminham uma para a outra. Beijam-se.

MADGE — Lolotte !

LOLOTTE — Minha querida Madge !

MADGE — Há quanto tempo te não via !

LOLOTTE — Desde o colégio. Como tu estás bonita !

MADGE — Fazes-me saudades, sabes ? Há doze anos, não foi ?

LOLOTTE — Há quinze. Saímos do colégio há quinze anos.

MADGE — Parece que foi ontem.

A BONECA E OS QUATRO
MARIDOS

THE HISTORY OF THE
CITY OF BOSTON

A BONECA E OS QUATRO MARIDOS

Numa exposição de bonecas. Um clarão doirado de studio ilumina uma multidão colorida e imóvel de pequenas figuras Lenci. Mulheres que parecem bonecas olham, curiosamente, às bonecas que parecem mulheres. Uma delas — das mulheres — loira, olhos como duas pequenas chamas azues, pele rosada e fresca de francesa, um minúsculo chapéu preto, pôsto à banca, que lhe dá o ar duma figura fugida das festas galantes de Lancret, caminha, sorrindo, para um rapaz gordo que lhe beija atenciosamente a mão.

ELA — Então, não me quer falar?

O RAPAZ GORDO — Bom dia, minha querida amiga!

ELA — Veio ver as bonecas?

O RAPAZ GORDO — Não esperava encontrá-la.

ELA — Não me conheceu? Estou assim tão mudada?

O RAPAZ GORDO — Está uma criança. Acho-a mais crescida.

Como se chama agora, minha querida madame Broussac?

ELA — Agora, arranjei as coisas duma maneira muito mais simples.

O RAPAZ GORDO — Não usa o nome de seu marido?

ELA — Mais simples ainda. Obriguei meu marido a usar o meu.

O RAPAZ GORDO — E êle está de acôrdo?

ELA — Porque hão-de as mulheres usar o nome dos maridos, e os maridos não hão-de usar o das mulheres?

O RAPAZ GORDO — Acho bem. Sobretudo, muito moderno.

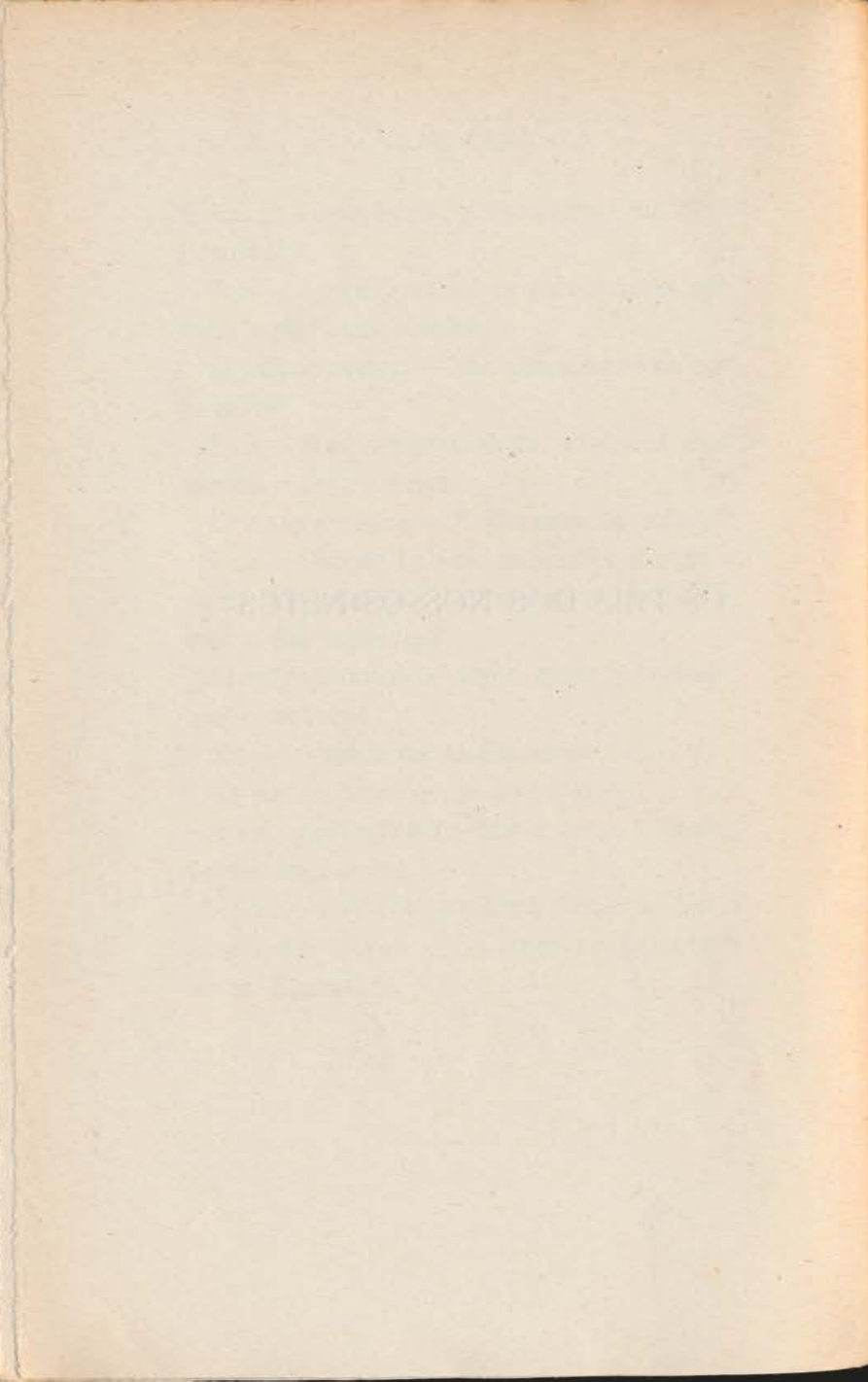
ELA — Vamos ver as bonecas?

O RAPAZ GORDO — Já a vi a si.

ELA, *estendendo-lhe a mão*. — Então, adeus, meu amigo.

O RAPAZ GORDO, *amável, beijando-lhe a ponta dos dedos*. — Os meus cumprimentos ao sr. Broussac.

OS PAIS DOS NOSSOS NETOS



OS PAIS DOS NOSSOS NETOS

No Tamariz, em frente ao mar. Tarde maravilhosa de outono. A enseada azul esplende. Passam navios. Sentados a uma das mesas, sòzinhos, JOE e MARY conversam. A idade de ambos, junta, não atinge cinquenta anos. MARY, viva, magra, tipo desportivo, olhos inteligentes, músculos harmoniosos, veste um trotteur cinzento sôbre um curto chandail vermelho, e calça sapatos ingleses, razos. JOE, bonito rapaz, moreno bronzeado, forte, olhos negros de italiano, em mangas de camisa — uma camisa de panamá, para tennis — saboreia, distraído, o seu porto-flip.

JOE — Está um tempo excelente, hein?

MARY — Está.

JOE — É outono, e abrem as rosas. Eu prefiro isto a Nice. E você?

MARY — Eu prefiro Nice.

JOE — Mais divertimentos. Mas a natureza é admirável. Veja a enseada...

MARY — Está tôda a gente a olhar para nós.

JOE — Quem? Eu não vejo ninguém.

MARY — Tôda aquela gente que vem no paquete alemão. Não ouve a música, a bordo?

JOE — Não oiço música nenhuma. Eu só a oiço, eu só a vejo a si, Mary!

MARY — Então, os meus olhos são verdes ou azues?

JOE — Como quer que eu lho diga, se não olha para mim? Para onde está olhando?

MARY — Estou a ver o *yacht* de madame Heriot.

JOE — Mary! Eu vou dizer-lhe uma coisa que já se não usa. Eu vou dizer-lhe uma coisa ridícula...

MARY — Diga.

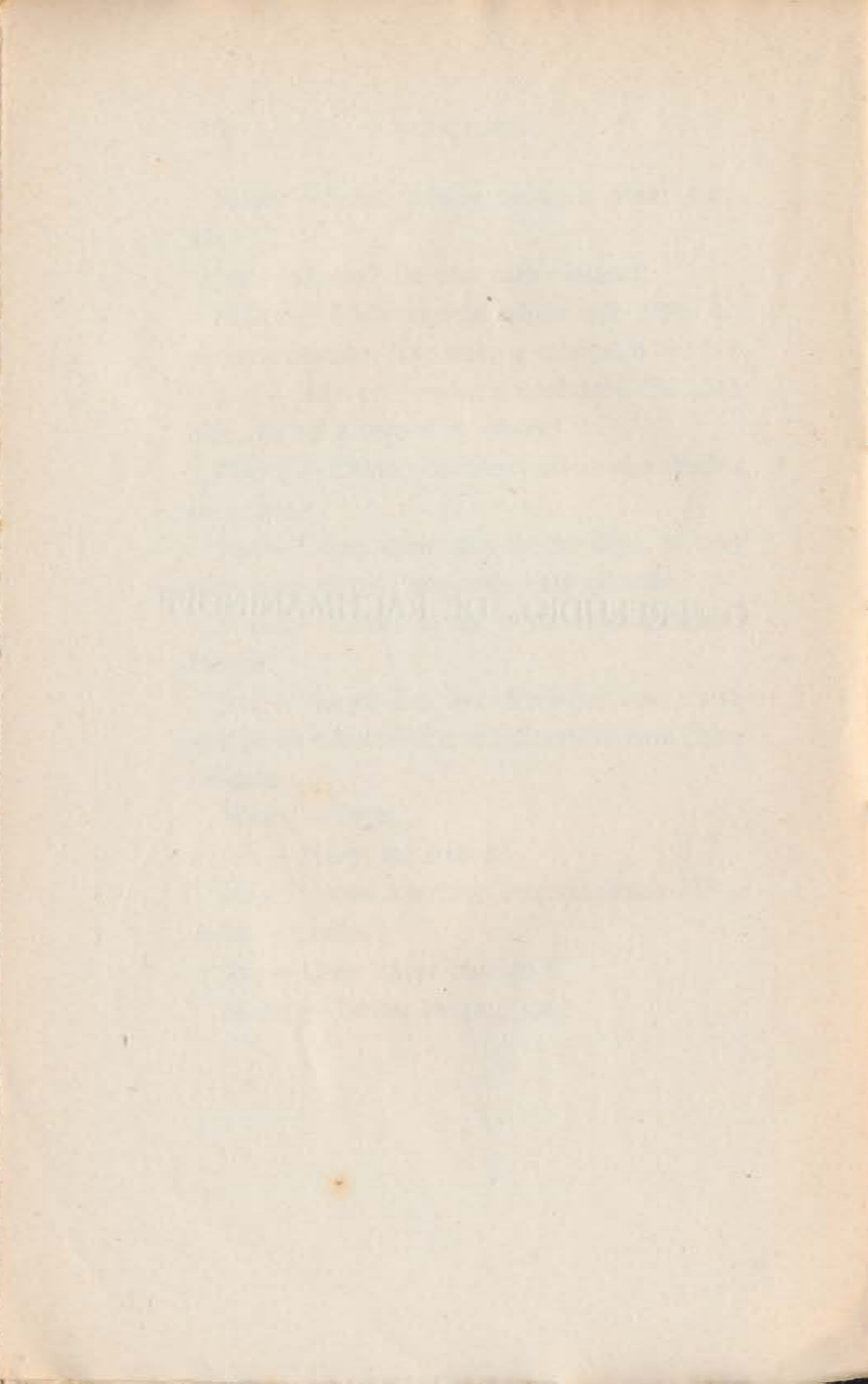
JOE — Mary, eu amo-a!

MARY, *num sorriso, abandonando-lhe a mão.* — Emfim!

JOE — Quer casar comigo?

MARY — Levou tempo, Joe!

O "PRELÚDIO," DE RACHMANINOFF



O «PRELÚDIO» DE RACHMANINOFF

*Uma sala de fumar, no palácio dos Viscondes de ***.*

Paredes forradas de sêda verde; Maples profundos; a um canto, numa moldura de ouro velho, um Poussin; ambiente de elegância um pouco severa. Dez horas da noite. O VISCONDE, a VISCONDESSA e FRED acabam de jantar e veem tomar café. A VISCONDESSA, ornamental, grisalha, opulenta, ainda interessante, beleza fatal à maneira de Van Dongen, tem uns braços esculturais, uns ombros de deusa, e, nos olhos fatigados, a tristeza das mulheres que fizeram cinquenta anos. O VISCONDE, mais dez anos do que ela, vulgarmente distinto, vestindo bem a casaca, robusto, calvo, distraído, sorridente, entra e senta-se logo num dos Maples. FRED, a mesma idade do VISCONDE, é a ruína dum bonito homem, magro, esbelto, de monóculo, tipo de elegância britânica, cabelos brancos que se percebe que foram loiros. — O CRIADO, de libré, serve e afasta-se.

VISCONDESSA, servindo FRED. — Café?

FRED — Oh, não minha amiga. Chá. Chá de tília.

FRED — Decididamente, faço as pazes com a Rússia!

VISCONDE — Minha querida Finette, Fred acaba de dizer-me que fica esta noite a acompanhar-te e a ouvir-te...

VISCONDESSA, *a FRED, que lhe acende o cigarro.* — É, então, o filho pródigo que volta? (*Ao VISCONDE*) Já devem ser horas do teu clube, meu amigo...

SUA EXCELÊNCIA A MINISTRA

SUA EXCELÊNCIA A MINISTRA

O gabinete de Sua Excelência a ministra. Decoração futurista, angulosa, sépia e oiro. Numa das paredes, um quadro de qualquer dos estruturalistas alemães da Neue Sachlichkeit, Hofer ou Kanoldt, representando uma mulher de seios, ancas e cabeça poliédricas, a entrar no banho. Móveis cubistas, superfícies lisas, espelhos. — A MINISTRA, de pijama, rodeada da MANICURA, da CABELEIREIRA e da CARACTERIZADORA, prepara-se para a sessão do Parlamento. É uma mulher de trinta anos, bela, ágil, expressiva, autoritária, grandes olhos negros que lembram os de Florence Mills. A DACTILÓGRAFA, loira, grave, corpo feito de linhas rectas, entra, trazendo papéis na mão. Fora, ruído de klaxons, de buzinas, de motores, próprio de uma cidade moderna.

A DACTILÓGRAFA — Já são três horas e meia, senhora ministra.

A MINISTRA — Para que hora está marcada a interpelação?

A DACTILÓGRAFA — Para as três.

THE HISTORY OF THE
CITY OF BOSTON
FROM THE FIRST SETTLEMENT
TO THE PRESENT TIME
BY
JOHN H. COLEMAN
OF THE CITY OF BOSTON
IN TWO VOLUMES
VOL. I.
BOSTON: PUBLISHED BY
J. B. LEECH, 15 NASSAU ST.
1857.

A CAMPAINHA DE ALARME

MADAME Z., a MAUD, *que se aproxima, transparente, graciosa, numa mancha azul de aguarela.* — Maud... O meu amigo, de quem te tenho falado tantas vezes...

MAUD — O teu amigo da América, mamã? (*Muito séria, ao DESCONHECIDO, que lhe beija a mão*) Quero pedir-lhe um favor.

O DESCONHECIDO — Diga, Maud. Tem diante de si um homem que lhe sacrificou tôda a sua felicidade...

MAUD, *com lágrimas nos olhos.* — Não se demore em Portugal, não?

PAZ AMARELA

THE
JOURNAL
OF
THE
AMERICAN
MEDICAL
ASSOCIATION
PUBLISHED WEEKLY
CHICAGO, ILL.
1910

BY
J. A. HARRIS, M.D.
CHICAGO, ILL.

PAZ AMARELA

Numa cidade da Suíça, muito conhecida como centro de convívio internacional. Uma sala, num palacio muito conhecido também. Em volta de uma mesa, vêem-se doze homens, vestidos de preto, que, pela sua gravidade um pouco faisandée, parecem diplomatas. Apenas seis falam: um, magro, moreno, grisalho, bôca irónica, sorriso disraéliano, ocupa a presidencia; outro é ruivo, atlético, ombros quadrados, testa curta; outro, calvo; outro, obeso; outro gagueja levemente e usa lunetas; outro, olhos azues e frios de wiking, fuma cachimbo. Os restantes permanecem calados. Mastigam chewing-gum, dormitam, fingem que ouvem. — Um criado, de libré, corre o pesado reposteiro vermelho da entrada.

O PRESIDENTE — Temos sôbre a mesa o relatório de lord Lytton sôbre a Mandchúria.

O DIPLOMATA RUIVO — Parece que, infelizmente, a questão se agravou.

O PRESIDENTE — Não lhe chamemos questão. Chamemos-lhe, apenas, equívoco.

O DIPLOMATA GORDO — Foi um equívoco

DIÁLOGO RADIOFÓNICO

ESCOLA DE MARIDOS

ESCOLA DE MARINOS

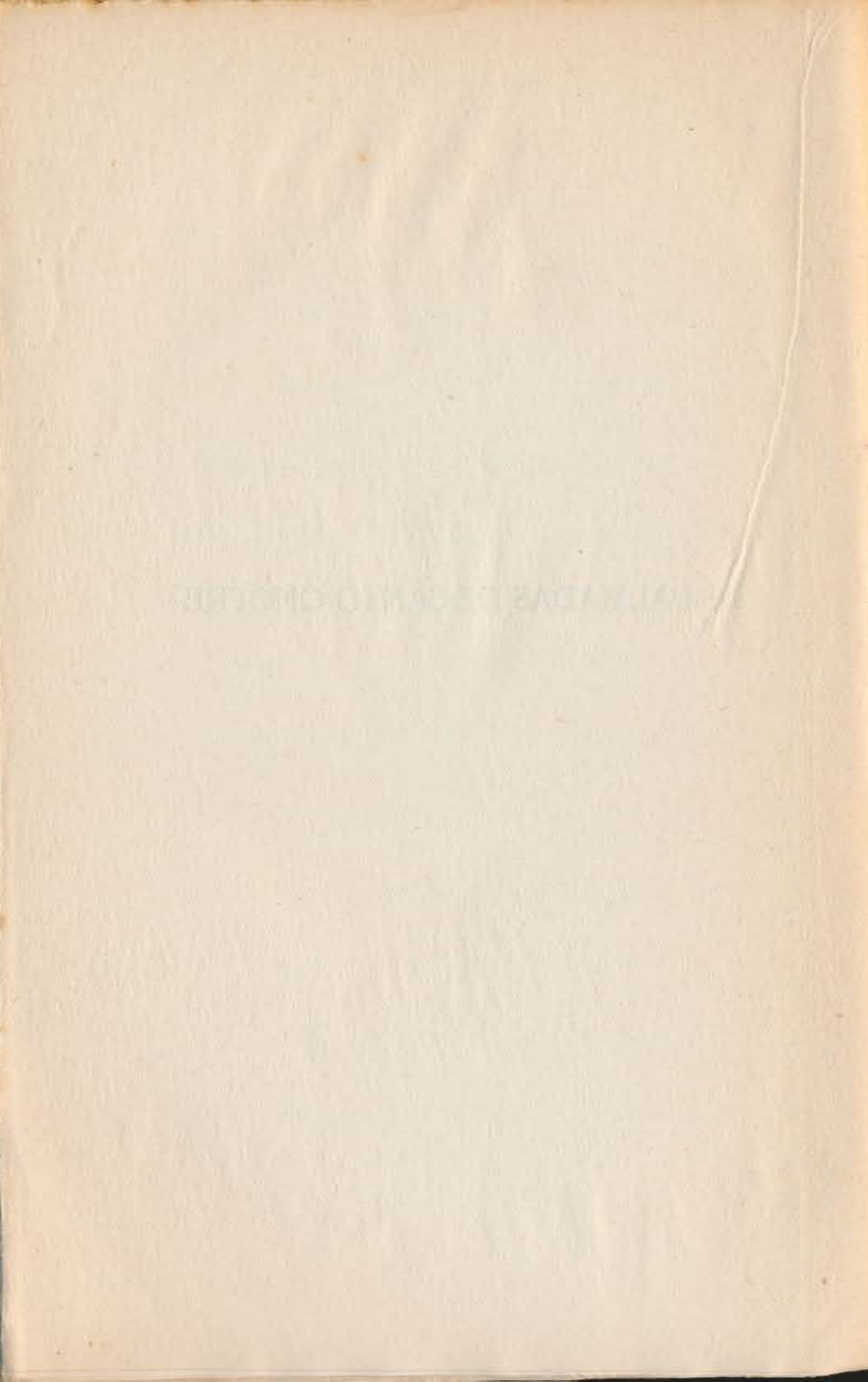
ESCOLA DE MARIDOS

Uma sala de aula, na nova «Escola de Maridos». No auditório, homens de todos os tipos, de todas as idades, de todas as classes sociais, fumam e conversam. De repente, faz-se o silêncio: a PROFESSORA entra e ocupa a cátedra. É uma mulher de trinta anos, loira, coleante, pintada, aqui-moderna, sugestiva como um bailado russo. Vai começar a lição.

A PROFESSORA — Ao inaugurar hoje este curso, faço votos para que os futuros maridos, que me escutam, devidamente instruídos por mim, possam encontrar a felicidade no casamento. Vejo que o curso é numeroso, o que quer dizer que há muitos homens que desejam ser felizes. Mas a felicidade, meus senhores, não nos cai do céu, como a chuva de oiro de Júpiter; é preciso conquistá-la, e é preciso, por conseguinte, saber como ela se conquista. Há quem suponha que se nasce feliz ou desgraçado, como se nasce loiro ou

IN WHICH ARE CONTAINED
 THE MOST IMPORTANT
 TRANSACTIONS OF HIS REIGN
 FROM THE BEGINNING OF HIS
 REIGN TO HIS DEATH
 IN THE YEAR 1649
 BY
 JOHN BURNET
 A BISHOP OF THE CHURCH OF ENGLAND
 IN THE REIGN OF KING CHARLES THE SECOND
 LONDON
 Printed by J. Streater, at the Sign of the Gun, in St. Dunstons Church-yard, 1697.

AS PALMADAS DE SANTO ONOFRE



AS PALMADAS DE SANTO ONOFRE

À porta do céu. Uma paisagem edênica, futurista. Atmosfera doirada, árvores azues, pavões gritando. Gigantesco, bárbaro, felpudo, nu, uma pele de fera em volta da cintura, SANTO ONOFRE, sentado sobre um in-fólio de pergaminho, a cabeça pendente, dorme. Revoam pombas. O POETA, vestido de preto, jovem, esguio, pálido como convém a todos os mortos elegantes, aproxima-se timidamente do santo e toca-lhe no ombro.

O SANTO, *levantando a cabeça, estremunhado.* — Quem vem perturbar o meu sono?

O POETA — É ao santo eremita Onofre que eu estou falando?

O SANTO, *esfregando os olhos.* — Alguma donzela, que chega?

O POETA — Não. Sou eu.

O SANTO, *olhando-o.* — Sim, pelo que vejo, tu não és positivamente uma donzela. — Que desejas?

O POETA — Pedir-lhe um favor.

O SANTO — Mas quem és tu?



ÍNDICE

	Pág.
As ideias de lady Bradfield	5
A luva.....	19
Segunda mocidade.....	33
Crianças.....	49
Suas Majestades	61
Velocidade	75
O baile da Embaixada	87
O direito dos filhos	105
As rosas de Sœur Jeanne	117
A boneca e os quatro maridos	131
Os pais dos nossos netos	145
O «Prelúdio» de Rachmaninoff	157
Sua Excelência a ministra	175
A campanha de alarme.....	189
Paz amarela.....	205
Diálogo radiofónico	217
Escola de maridos	253
As palmadas de Santo Onofre	247
